

## 5

### Um panorama da crítica de traduções literárias no Brasil

A crítica de traduções literárias no Brasil não pode ser considerada uma novidade na esfera de trabalho de nossos tradutores, pois alguns movimentos independentes e esporádicos de crítica podem ser encontrados ao longo de nossa história literária.

Vários escritores como Augusto Meyer, João Cabral de Melo Neto e Manuel Bandeira, tradutores de várias obras literárias, segundo José Paulo Paes, faziam considerações a respeito da qualidade de traduções brasileiras. Paes também destaca os trabalhos críticos de Mário de Andrade e Sérgio Milliet, que “podem ser vistos em *Território da tradução*, antologia organizada por Iumna Maria Simon” (1990, p.116), como dois bons exemplos de crítica de traduções realizadas nesse período.

Além dessa indicação de Paes, também pode-se destacar o nome de Paulo Rónai. Alguns dos textos publicados por esse importante pensador da tradução no Brasil, em particular no seu livro *Escola de Tradutores* (1987), podem ser considerados excelentes exemplos de crítica de tradução autônoma<sup>10</sup>. Destacarei aqui “Pascal para brasileiros” e “Laclos quatro vezes, para quê?”.

No primeiro, Rónai faz comentários e sugestões relativas não só a escolhas tradutórias, como também a decisões editoriais que a seu ver prejudicaram a versão brasileira da obra de Pascal. Em sua crítica, ele afirma o seguinte: “um exame rápido do primeiro volume da coleção, os *Pensamentos* de Blaise Pascal<sup>11</sup>, sugere-me algumas observações talvez aproveitáveis na organização dos volumes a seguir” (1987, p.91). Nesse comentário, Rónai dá claras indicações de que pretende realizar um tipo de crítica “produtiva” (nos termos de Berman).

---

<sup>10</sup> Como apresentado no segundo capítulo desta dissertação, uma crítica de traduções autônoma, como proposto por Cardozo (2007), se preocupa centralmente com aspectos que são próprios da tradução.

<sup>11</sup> “Pascal, *Pensamentos*. Introdução e notas de Ch. M. Des Granges. Tradução de Sérgio Milliet. ‘Clássicos Garnier’, da Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1957, 294 páginas” (Rónai, 1987, p.91, nota do autor).

Em seguida, nessa mesma crítica, ele apresenta o tradutor, afirmando que a “editora [Difusão Europeia do Livro] encontrou um tradutor excelente na pessoa de Sérgio Milliet, igualmente indicado pela sua inteligência crítica, a sua fina sensibilidade e as raízes francesas de sua extensa cultura” (Rónai, 1987, p.91-92). Sobre a tradução, declara que é “correta, flexível, de leitura agradável [e] mantém as principais características do original” (Rónai, 1987, p.92).

Feitas essas considerações, ele lamenta não ter em mãos as várias traduções anteriores da obra de Pascal para realizar uma comparação, sendo obrigado a limitar-se apenas à “de Paulo M. Oliveira, da Atena Editora (São Paulo, s.d.)”. Segundo o crítico, o “confronto dessa versão com a de Sérgio Milliet mostra que este, embora tenha aproveitado trechos inteiros do trabalho de seu antecessor, soube divergir dele quando a interpretação carecia de exatidão, clareza ou elegância” (Rónai, 1987, p.92). Para provar sua afirmação, ele apresenta trechos do original e das traduções de Oliveira e de Milliet, ponderando a respeito do que é apresentado por cada um dos tradutores.

Mas Rónai vai além, sugerindo melhorias que julga importantes para uma edição brasileira, cumprindo sua promessa inicial de uma “crítica produtiva”. Como exemplo, citamos o seguinte comentário:

Faz falta, ao nosso ver, uma introdução geral de autoria de um erudito brasileiro que explicasse de maneira concisa aos leitores do Brasil, cujos antecedentes culturais tanto diferem dos leitores franceses, o *background* artístico, religioso, filosófico e filológico de um dos textos mais densos e mais perturbadores da literatura mundial (1987, p.95).

No segundo texto, “Laclos quatro vezes, pra quê?”, Rónai inicia suas considerações apresentando a obra que fora traduzida, *Les liaisons dangereuses*, de Choderlos de Laclos, escrita em 1781, para em seguida explicar a sua curiosidade a respeito da publicação de quatro traduções brasileiras dessa obra em um curto espaço de tempo:

Em 1947, José Olympio publicou *As Ligações Perigosas* em tradução do saudoso Osório Borba e, simultaneamente, a Globo editou-o sob o título de *As Relações Perigosas*, vertido por Carlos Drummond de Andrade. Bastaria a existência de um desses trabalhos, assinados por quem os assinou, para dispensar, pelo menos até o fim do século, o aparecimento de qualquer nova tradução. Entretanto, em 1961 sai outra versão, com o título de *As Relações Perigosas*, pela Difusão Europeia do Livro, e em 1962 uma quarta, pela Editora Vecchi, que resume o nome de *As Ligações Perigosas* (Rónai, 1987, p.97).

Em suas considerações, Rónai demonstra especial preocupação com o tratamento dado a notas, prefácios e outras intervenções editoriais apresentadas nessas traduções brasileiras. Pois, por causa do estilo da obra, não fica claro ao leitor se as orientações editoriais são fictícias ou verdadeiras, da edição francesa ou da brasileira. A confusão, segundo o crítico, ocorre porque a edição

de José Olympio omite a “advertência do editor”, mantendo apenas o “prefácio do redator”; a da Globo conserva as duas, intercalando-lhes, porém, o prefácio do tradutor, o que nos dá a impressão de que a “advertência” foi redigida no Brasil de 1947, e não na França de 1782 (Rónai, 1987, p.100).

O crítico condena também a reprodução pura e simples de notas da edição francesa, já que muitas não se adequam a nossa realidade ou não esclarecem nada ao público, antes confundem e intrigam quem as encontra nas edições brasileiras.

Quanto aos tradutores, Rónai destaca Carlos Drummond de Andrade, descrevendo-o do seguinte modo: “um dos tradutores mais escrupulosos e mais fiéis que já conheci” (1987, p.100).

Em seguida, Rónai se dedica mais uma vez a um trabalho de comparação entre as traduções. Nessa comparação, ele destaca a escolha que cada tradutor fez ao traduzirem os pronomes de tratamento usados na obra. Sobre Maria Lúcia Pessoa de Barros — tradutora da edição da Vecchi — Rónai diz que ela, de modo inteligente,

não se limitou ao emprego dos pronomes, mas rejuvenesceu todo o estilo, quebrando os longos parágrafos do original, cujos períodos alongados e preciosos não se dissociariam da segunda pessoa do plural. Mais de uma vez encontra ela soluções tão felizes que suas falhas, em outros trechos, só se explicam pela provável pressa que deve ter exigido a sincronização da edição com o lançamento do filme (Rónai, 1987, p.101).

Quanto ao trabalho dos outros tradutores, Rónai faz os seguintes comentários: “O tradutor anônimo da Difusão Europeia [que acredita ser Sérgio Milliet], profissional competente e honesto, nem sempre consegue subtrair-se à sintaxe original, o que torna seu trabalho algo pesado”; Osório Borba apresenta um “texto leve e natural”; e destaca a tradução “de Carlos Drummond, que, mantendo o sabor *Ancien Régime* do original, conseguiu ao mesmo tempo conservar-lhe a elegância e transpor as intenções matizadas de uma ironia às vezes quase imperceptível” (Rónai, 1987, p.101). Nesses comentários Rónai faz uma avaliação geral do trabalho dos tradutores, deixando para considerar detalhes

referentes à adequação das escolhas tradutórias de cada um para o cotejo com o original que faz em seguida.

O próprio Rónai, que como vimos há pouco é autor de críticas de inquestionáveis valor e qualidade, direciona sua admiração a outra importante figura que contribuiu de modo singular para a prática de crítica de traduções no Brasil e que, segundo ele, é um brasileiro que reúne as qualidades do tradutor ideal: Agenor Soares de Moura (Rónai, 2003, p.9).

Agenor Soares de Moura — professor, crítico e tradutor que viveu quase toda a sua vida em Barbacena — desenvolveu um significativo trabalho de crítica de traduções na década de 1940. Suas críticas foram publicadas semanalmente no *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, em uma coluna dominical intitulada “À margem das traduções”. Hoje, os artigos de Moura podem ser lidos no livro *À margem das traduções* (2003), editora Arx, organizado por Ivo Barroso e apresentado por Paulo Rónai.

Moura foi convidado a contribuir com o jornal após ter respondido a uma solicitação feita pelo então crítico literário do jornal carioca, Guilherme Figueiredo. Este, após se indignar com a péssima qualidade da tradução de *O livro de Jó*, feita por Lúcio Cardoso, escreveu um artigo no qual “acusava os editores brasileiros de incapazes de julgar os originais e de selecionar os tradutores” (Barile, 2004, p.8) e “convidou seus leitores a ajudar a melhorar o nível das traduções, denunciando erros e infidelidades que topassem nas suas leituras estrangeiras” (Rónai, 2003, p.10).

A carta-resposta de Moura surpreendeu Figueiredo pela grande erudição e conhecimento de línguas estrangeiras por parte do professor. Moura conseguia avaliar com competência traduções do inglês, alemão, francês e espanhol.

Com tal erudição, Moura inspirou a criação da seção de críticas de obras traduzidas, que passaram a ser assinadas por C.T. (crítico de traduções), pseudônimo criado por Figueiredo para protegê-lo, já que aquela não seria uma tarefa fácil, especialmente porque o “esquema das editoras era simples: para os grandes nomes da literatura mundial, eram convocados consagrados escritores de literatura brasileira” (Barile, 2004, p.9) que não se sentiriam muito a vontade em terem a qualidade de seus textos traduzidos questionada — mesmo que alguns trabalhos fossem somente assinados por eles, não traduzidos, tarefa que entregavam a outro profissional.

Cardozo descreve o trabalho de Moura como pioneiro e expoente da crítica de tradução literária no Brasil, mas esclarece que

seus textos críticos são marcados quase que exclusivamente pela discussão do detalhe, pelo flagrante pontual do gesto tradutório — quase sempre do gesto equívoco —, sem discutir as empreitadas tradutórias como resultado de um projeto maior de tradução, nem ponderar a relevância, para o todo da obra traduzida, dos equívocos anunciados (2007, p.215).

Esse comentário deve-se ao tipo de crítica desenvolvida por Moura, a qual consistia basicamente em observações a respeito de interpretações incorretas — especialmente quando se tratavam de falsos cognatos ou falsos amigos; de traduções feitas em decalque que reproduziam em português as características e expressões próprias do idioma estrangeiro; e de erros na utilização do idioma pátrio pelo tradutor, tanto no que diz respeito à correta utilização das palavras quanto à correção gramatical. Essas observações sempre apresentavam soluções alternativas para os problemas identificados. Não raro são encontradas em seus artigos palavras como “defeito”, “imperfeições” e “desacertos” ao tratar das escolhas lexicais dos tradutores.

Diante desse quadro, poder-se-ia considerar “negativa” ou “destrutiva” a crítica de Moura. No entanto, na opinião de Cardozo (2007), o padrão crítico que Moura adota reflete a sua preocupação em cuidar da “dimensão linguística da obra traduzida”; suas críticas, ainda conforme Cardozo, “demonstram propriedade e consistência, são elegantes, põem sempre a nu as justificativas de cada reparo crítico e, não raro, oferecem soluções alternativas” (2007, p.215). Assim, ao contrário do que possa parecer à primeira vista, prevalecia na coluna de Moura um caráter pedagógico, porque ele estava também preocupado em recomendar formas de evitar os erros comuns nas traduções que criticava (Barroso, 2003, p.15).

Por exemplo, no texto publicado em 24/09/1944, dedicado à tradução de *Pride and prejudice*, de Jane Austin, feita por Lúcio Cardoso, Moura declara que pelo que se lê na tradução “não se pode dizer que [o tradutor] morra de amores pela correção gramatical” (Moura, 2003, p.22).

Ainda nessa crítica da tradução de *Pride and prejudice*, o crítico aproveita para explicar ao leitor que

o inglês possui, dentre a farta messe de termos de origem latina, alguns que, ao lado da significação ou significações com que passaram para a nossa língua, têm outra ou outras estranhas ao nosso uso. Constituem eles o que os autores franceses, que se ocupam da língua inglesa, chamam de *faux amis* ou *les mots trahitres*. Falsos

amigos, sim, porque parecendo na forma exterior com vocábulos nossos, possuem não raro acepções bem diferentes das que os nossos têm (Moura, 2003, p.23).

Somente depois dessa explicação, ele apresenta alguns trechos da tradução do texto de Austin em que Lúcio Cardoso traduzira incorretamente alguns falsos amigos. Aliás, esse era um tema que muito inquietava Moura; ele dedicou o artigo publicado em 08/10/1944 apenas a essas palavras, armadilhas para tradutores desatentos e despreparados.

No artigo seguinte, publicado em 15/10/1944, Moura critica Érico Veríssimo por deixar-se “contaminar docemente do idioma inglês, comprometendo de leve o nosso falar, em vários trechos” da obra *Gato preto em campo de neve*. Esse é um dos muitos momentos em que Moura critica a contaminação da língua portuguesa por estrangeirismos, demonstrando o quão caro lhe era o nosso idioma e como se incomodava que tão distinto autor cometesse tantos anglicismos. Essa atitude protecionista de Moura estava em sintonia com o movimento literário e cultural oficialmente iniciado em 1922 com a Semana de Arte Moderna, que se preocupava em valorizar e proteger os bens culturais brasileiros, em particular o nosso idioma “brasileiro”.

No artigo de 22/10/1944, ainda mostrando os perigos de tradutores despreparados e o seu amor pelo português brasileiro, Moura escreve que “[m]uitos pensam que podem traduzir o francês e o inglês porque estudaram esses idiomas em ‘24 lições’ [...]. Pelo visto, as línguas mais sacrificadas por certos tradutores são o francês, o espanhol e o inglês, se não é mais acertado dizer que **a única sacrificada por eles é a nossa**” (Moura, 2003, p.33, grifo meu).

Indicando uma preocupação com o ofício do tradutor, o artigo de 08/10/1944, que tematiza os falsos cognatos, mostra a falta de cuidado de muitos em relação a esse ofício, tratando especificamente das dificuldades e desafios de ser tradutor.

Já no artigo de 22/10/1944, ele denuncia os perigos das traduções indiretas:

E a propósito de versão portuguesa, feita de uma versão francesa de livro original alemão, notava **um atilado leitor** que tais adaptações de uma adaptação constituem um tipo de obra desnatada e dessorada, obra em que o pensamento primitivo do autor já anda tão mudado com a longa caminhada que o próprio autor não o reconheceria sem dificuldade (Moura, 2003, p.31, grifo meu).

O grifo na citação acima tenta chamar a atenção para um outro ponto interessante das críticas de Agenor: apresentar nos seus textos contribuições dos

leitores da coluna, e de outros críticos, como no artigo publicado em 19/11/1944 — “Continuamos hoje a trazer a nossa modesta contribuição a uma crítica de Agripino Grieco à tradução que fez Monteiro Lobato de *História da literatura mundial*, de John Macy” (Moura, 2003, p.40) — promovendo um espaço aberto para discutir a qualidade das traduções que eram publicadas no Brasil.

O trecho a seguir, marcado por fina ironia, é mais um exemplo de como ele buscava dialogar com os leitores, sem abandonar o aspecto didático de seus comentários:

Uma leitora estranhou no livro de Elinor Glynn, *The price of things*, traduzido por Manuel Bandeira com o título *Tudo se paga*, a expressão “olhos calmuços”. Podemos responder que talvez não tenha achado a palavra devido a diferenças ortográficas. No *Larousse Illustré* encontrará ‘Kalmouks’, povo da Mongólia, que tem “...lex yeux bridés”, isto é, apertados e oblíquos, como os têm os povos de raça amarela. Será isso? (Moura, 2003, p.106).

Mas, apesar de toda a preocupação com a qualidade das traduções brasileiras, o trabalho de Moura na coluna tinha apenas o objetivo de criticar as más traduções, provando que determinado livro fora mal traduzido e oferecendo sugestões para melhorá-lo (Barroso, 2003, p.17).

Não era, portanto, preocupação dele,

exercer uma crítica como *médium* de reflexão, como prática de exploração das dimensões culturais, literárias, ideológicas e políticas da tradução, ou seja, como geradora da base ontológica de práticas poéticas, críticas e tradutórias de sua época (Cardozo, 2007, p.216).

Desse modo, segundo Cardozo, ainda que os pressupostos e a prática de Moura possam ser considerados legítimos para a década de 1940, “em vista do contexto atual dos estudos da linguagem, da literatura e da tradução, uma prática crítica fundada nesses mesmos pressupostos não pode ser considerada, senão, como ingênua ou insuficiente” (2007, p.216). A necessária adequação da crítica ao seu contexto histórico e cultural é que me leva a crer que a crítica atualmente feita por Perissé já incorpore mudanças promovidas pelo desenvolvimento daquelas áreas de conhecimento.

Para Ivo Barroso, nessa época, o trabalho desenvolvido por Moura contribuiu para mudar um pouco a consciência que se tinha do trabalho do tradutor, pois os “leitores passaram a valorizar aqueles profissionais eficientes que eram até então desconhecidos e anônimos” (*apud* Barile, 2004, p.9).

Cabe lembrar que, antes do editor Guilherme Figueiredo e do crítico Agenor Soares de Moura,

em 1939, Mário de Andrade já havia chamado a atenção para a situação do ofício do tradutor e escrevia no mesmo *Diário de notícias*: “Tradução é necessariamente ato de amor ou de pragmática social — o que vale dizer ainda amor. Mas entre nós está se tornando a última tábua de salvação para os desempregados. Posso ter muito respeito, muita inquietação pelos desempregados, mas traduzir não é ofício de piedade (Barile, 2004, p.9).

Infelizmente, após cerca de dois anos de existência a coluna de Moura foi encerrada. Isso ocorreu porque as editoras não enviavam seus lançamentos para o jornal, já que não tinham interesse em passar pela rigorosa avaliação do crítico que não conseguiu manter por muito tempo a compra, com o próprio dinheiro, dos originais e traduções necessários ao seu trabalho.

A partir de então, a avaliação de traduções na mídia é feita em resenhas que são publicadas em cadernos literários de jornais ou mesmo em revistas, nas quais os comentários, de um modo geral, tratam da obra como se ela não fosse uma tradução ou, quando muito, referem-se a ela de forma breve e superficial. Segundo Silva (2001, p.5), que estudou as resenhas de tradução publicadas na década de 1990 no caderno “MAIS!” do jornal *Folha de São Paulo*, ainda que em seu *corpus* haja um número significativo de textos que trazem no título a palavra “tradução”, na maioria deles, o resenhista limita-se a falar da obra e do autor.

Além disso, a falta de rigor e periodicidade deixa em muitos de nossos tradutores e estudiosos apenas o desejo de que mais trabalhos da qualidade dos de Rónai e Moura fossem novamente realizados na imprensa brasileira.

\* \* \*

Pelos exemplos descritos neste capítulo, percebemos no Brasil uma tradição de críticas de tradução que é particularmente tímida no contexto jornalístico, um dos três contextos que foram identificados nesta dissertação<sup>12</sup>, justamente o que toca de forma mais direta o interesse deste trabalho. Essa pouca produção me

---

<sup>12</sup> Nos outros dois contextos identificados no segundo capítulo desta dissertação, o editorial e o acadêmico, ao contrário, é cada vez mais forte a presença da crítica de traduções. No primeiro, a revisão e a copidescagem ganham a cada dia mais reconhecimento e visibilidade. No segundo, elas tornam-se cada vez mais elaboradas e frequentes em decorrência do desenvolvimento dos Estudos da Tradução.

parece lamentável, pois esse tipo de crítica provavelmente é o que provoca um maior impacto junto aos tradutores e ao público leitor de traduções.

Nesse contexto jornalístico, as críticas podem ser publicadas tanto periodicamente em colunas específicas, quanto eventualmente em seções literárias ou culturais de jornais e revistas; nesse segundo caso, elas tendem a apresentar um formato de resenha (ver capítulo dois desta dissertação).

A “Versão Brasileira” retoma essa tímida tradição, aproximando-se do trabalho realizado por Moura, pois também é uma coluna publicada periodicamente na mídia. Em outros aspectos ela se aproxima mais das críticas acadêmicas feitas por Rónai, sobretudo por apresentar uma postura positiva e valorizar o cotejo entre diversas traduções da mesma obra.

Para melhor entendermos o trabalho crítico de Perissé, no próximo capítulo será feita uma análise mais detalhada dos artigos publicados na coluna “Versão Brasileira”, com especial interesse em perceber como suas características se relacionam com os modelos teóricos de crítica de tradução e com as críticas de tradução já publicadas em periódicos brasileiros, a fim de verificar se o crítico desenvolve o seu trabalho alinhado com os desenvolvimentos nos Estudos da Tradução e áreas afins.